

MARLON DE AZAMBUJA  
24.09.2022 | 05.11.2022

## CAMINHAR A NOITE

O trabalho de Marlon de Azambuja está intimamente ligado à relação do corpo humano com os espaços naturais e urbanos, como uma aproximação para a formação de subjetividades relacionadas com o controlo, a autoridade e a ação. Com uma estética profundamente enraizada nos preceitos do modernismo arquitetónico e artístico do seu país natal, o Brasil, Azambuja constrói alegorias e experiências materiais referentes à adaptação e reconstrução destes padrões estéticos - como estratégias pós-colonialistas - que tiveram lugar, e continuam até aos dias de hoje, na América Latina.

A exposição *Caminhar a Noite* mostra quatro séries da mais recente obra do artista, na que questiona e examina o papel da intuição na exploração dos espaços, a imposição colonialista de preceitos de desenvolvimento social e cultural através de materiais e cenários emblemáticos, e a produção de trabalho e pensamento a partir do sul global. Destaca, no entanto, a aproximação à paisagem como ferramenta para gerar uma experiência completa e abordar a relação do corpo com o seu entorno. O objetivo de Azambuja é criar "alternativas para construir um novo caminho com significado neste mundo que habitamos".

Como introdução, *Broken Burnt Kilometer* apresenta um rasto de fogo e fumo nas paredes, como indício de uma ação passada. Uma linha é formada por um conjunto de prateleiras cobertas com cera, alinhadas horizontalmente à volta da sala de exposições. Esta linha transforma o espaço numa paisagem, onde o gesto do artista, o de acender dezenas de velas, é mais relevante do que o resultado final. Com isto, Azambuja não só altera o espaço de forma direta, produzindo um cenário a partir de um conjunto de mementos, como também cria e recria uma série de situações efémeras que facilitam a procura de um diálogo com o espectador.

No centro da sala, apresentam-se duas pinturas de grande formato, penduradas do teto e intencionalmente colocadas de costas uma para a outra, como um mural duplo. Ambas as peças fazem parte da série *Nocturnas* e revelam uma aproximação a uma cena noturna na selva. Longe de produzir uma cópia *verbatim* de uma geografia específica, o artista procura gerar uma intenção sobre o que pode acontecer, o latente. Para tal, faz uso de elementos teatrais e monumentais, com o objetivo de gerar no espectador a mesma sensação que ele teve ao caminhar à noite neste tipo de habitats, onde a espacialidade é completamente diferente da de um contexto urbano. O potencial de um possível acontecimento está presente e pode ser concebido através de outros sentidos, mesmo

MARLON DE AZAMBUJA  
24.09.2022 | 05.11.2022

que o público não o consiga ver. Como na maior parte do trabalho de Azambuja, existe também um subtexto social ou político, neste caso ao abordar a sobre-exploração, exacerbada nos últimos anos, dos recursos florestais da selva amazônica (entre outras) para a agricultura e extração mineira no Brasil.

Que acontece quando se gira a perspetiva hegemónica e olhamos para sul? Esta questão está constantemente presente na obra do artista, embora adquira maior força com a série *Cruzeiros do sul*. Um cubo de betão mostra o negativo de um chapéu de palha colocado ao contrário e orientado a sul, à espera de ser ativado. Mais uma vez, a peça é concretizada com o movimento do corpo do espectador, que deve apoiar-se nas mãos e colocar a cabeça na escultura, forçando-se assim a olhar para sul. Azambuja desarticula o simbolismo que reside na utilização do betão, proposto como um material intimamente relacionado com o desenvolvimento do modernismo arquitetónico imposto por países europeus a outras latitudes, durante o século XX. O betão está sujeito a um processo de "tropicalização" ao ser utilizado como ferramenta para transmitir a textura da palma, um material contrastante e muito utilizado no fabrico de chapéus há séculos. A ânsia pós-colonialista de encontrar novas perspetivas e outras formas de apreciar, compreender e questionar as realidades, a partir de outras latitudes, a fim de gerar novos debates sociais e políticos, são o eixo central desta série.

A sala inferior é completamente ocupada pelo *Núcleo*, uma escultura apresentada como uma placa de betão romboide tingida com pó de cores quentes - vermelho, amarelo e ocre - cujas tonalidades transcendem do mais claro no exterior, para o mais escuro no centro. Como catalisadores de diálogos sobre o papel da obra, da ação do artista e da própria resposta do espectador, Azambuja constrói este tipo de estruturas para revelar o posicionamento do corpo humano em relação ao espaço, jogando assim com as perspetivas e gerando uma sensação de fogo e brasas ao longo de toda a exposição.

Para além de serem vistas como um conjunto de parâmetros universais de ação e perceção, estas experiências estão mais próximas de gestos que podem "responder aos estímulos do mundo", segundo o artista. A sua relação com o seu entorno é tão honesta como direta, onde qualquer ideia, por mais pequena possa ser, se torna um catalisador de experiências estéticas, poéticas ou mesmo físicas, nas que o corpo humano funciona como origem para nos relacionarmos com o espaço, a cultura, a história e mesmo o poder.